

---

# REATUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA DISCURSIVA NO ACONTECIMENTO POLÍTICO-SOCIAL “FORA BOLSONARO, FORA GENOCIDA”: PRÁTICA DE RESISTÊNCIA A UM GOVERNO INFAME

# 1

REUPDATING OF THE DISCURSIVE  
MEMORY IN THE SOCIAL-POLITICAL  
EVENT “FORA BOLSONARO, FORA  
GENOCIDA”: PRACTICE OF RESISTANCE  
TO AN INFAMOUS GOVERNMENT

---

## **GARCIA, Marília Achete Junqueira**

Mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos

Doutoranda em Linguística pela Universidade de Franca

E-mail: marilia.achete@yahoo.com.br

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0833-3876>

## **CARVALHO, Pâmela Tavares de**

Mestre em Linguística pela Universidade de Franca

Doutoranda em Linguística pela Universidade de Franca

E-mail: pamtavarescarvalho@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1180-8315>

## **RAMOS, Cristiano Donizete**

Especialista em Educação Empreendedora

Mestrando em Linguística pela Universidade de Franca

E-mail: crisramos1712@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3912-2884>

## **GARCIA, Luciana Carmona**

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos

Docente Pesquisadora e Coordenadora do PPG Linguística da Universidade de Franca

E-mail: lcgmanzano@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5280-4444>

## **RESUMO**

A Pandemia causada pela COVID-19 trouxe consequências gravíssimas no mundo todo. Em outubro de 2021, nosso país atingiu a marca de mais de seiscentas mil vidas perdidas. Desde março de 2020, o coronavírus começou a fazer vítimas, aumentando os índices

de morte mês a mês. Temos, a partir daí, um embate biopolítico contra o governo federal, representado pelo atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, que se pronuncia verbalmente minimizando/negando o potencial mortal do vírus, verbalizando indiferença em relação às notificações diárias sobre o número de mortos (que até a finalização desta escrita somavam 603 mil), contra-atacando os métodos científicos para combater o coronavírus, divulgando e impondo a adoção sistemática de medicamentos ineficazes, disseminando notícias falsas e desinformação por meio de redes sociais e outros suportes digitais. Entre o *fazer viver e o deixar morrer*, surgem as vacinas contra a doença, e no movimento entre poder e resistência, insurgem-se manifestações discursivas que clamam pela saída do ocupante do cargo de presidente. Dentre essas manifestações, irrompem as expressões “Fora Bolsonaro”, “Fora Genocida” e “Fora Bolsonaro Genocida”, em todo o país. Ao longo deste percurso, na esteira da Análise de Discurso, analisaremos o funcionamento da memória na produção de sentidos para o acontecimento político-social “Fora Bolsonaro Genocida”, observando como os efeitos de sentido, promovidos pelos enunciados do presidente foram se construindo socialmente, levando uma grande parte da população brasileira a ir às ruas, como um ato de resistência pela vida.

**Palavras-chave:** Memória Discursiva; Acontecimento Discursivo; COVID-19; Análise de Discurso.

## ABSTRACT

The pandemic caused by COVID-19 had very serious consequences around the world. In October 2021, our country reached the mark of more than six hundred thousand lives lost. Since March 2020, the coronavirus has begun to claim victims, increasing death rates month by month. From there, we have a biopolitical clash against the federal government, represented by the current president of the republic, Jair Messias Bolsonaro, who verbally speaks out minimizing/denying the deadly potential of the virus, verbalizing indifference to the daily notifications on the number of deaths (which by the end of this writing totaled 603,000), countering scientific methods to fight the coronavirus, disseminating and imposing the systematic adoption of ineffective drugs, disseminating false news and misinformation through social networks and other digital media. Between making live and letting die, vaccines against the disease arise, and in the movement between power and

resistance, discursive manifestations arise that call for the occupant to leave the office of president. Among these manifestations, the expressions “Fora Bolsonaro”, “Fora Genocida” and “Fora Bolsonaro Genocida” erupt across the country. Along this path, in the wake of Discourse Analysis, we will analyze the functioning of memory in the production of meanings for the political-social event “Fora Bolsonaro Genocida”, observing how the meaning effects promoted by the president's statements were socially constructed, taking a large part of the Brazilian population to the streets, as an act of resistance for life.

**Mots-clés:** Discursive Memory; Discursive Event; COVID-19; Discourse Analysis

### UM INÍCIO, UMA PANDEMIA

De quantas outras mortes e tragédias precisamos para recuperar o nosso juízo? Qual deve ser para nós o custo de ativarmos essa sensibilidade? Há um dito popular afirmando que a morte de uma pessoa é uma tragédia, mas a de milhões se torna uma estatística. Infelizmente, isso é mais do que verdadeiro. (BAUMAN; DONSKIS, 2019, p. 24)

Brasil, outubro de 2021 e um registro de 601.643 mortes em meio a 21.596.793 casos confirmados de contaminação por COVID-19. O índice que faz referência àqueles que tiveram suas vidas interrompidas salta aos olhos, marca a inexistência de cura, o desafio da ciência frente ao desconhecido, uma crise sanitária que nos obriga ao isolamento social. Desde a disseminação virulenta no país, com início em fevereiro de 2020, uma miríade de discursividades ganhou vazão, assim como outras tiveram os seus sentidos ressignificados ou atualizados.

Quarentena, lockdown, distanciamento, tornaram-se ações intensamente discutidas pela sociedade e pelas autoridades em saúde pública, articuladas à necessidade do uso de máscara e a higienização das mãos, com o intuito de redução no número de contaminações e letalidade. Logo, espera-se que governantes, sejam eles do âmbito municipal, estadual, federal, se posicionem de modo a conduzir estratégias biopolíticas e dispositivos de segurança que visam abrandar, ou mesmo afastar, os impactos de um vírus letal sobre a população. No entanto, o que presenciamos é exatamente o oposto.

A sociedade brasileira vive um enfrentamento distópico de uma pandemia, sobretudo nas práticas de negação e omissão de seu presidente

Jair Messias Bolsonaro. Nega-se a vacina, a ciência, os malefícios e a não eficácia de um tratamento precoce. Nega-se a proposta realizada, ainda no ano de 2019, para a aquisição de 70 milhões de doses de imunizante de uma importante farmacêutica americana, o que poderia conter de forma mais eficaz o avanço da transmissibilidade, hipótese essa que foi comprovada com a imunização em massa tardiamente iniciada no país. Por fim, nega-se a vida e naturaliza-se a morte. (Necro)enunciados como “Gripezinha e resfriadinho”, “E daí? Eu sou Messias, mas não faço milagres!” dentre tantos outros efetivamente ditos pelo presidente em questão formam uma rede discursiva que salienta práticas de uma necropolítica, a qual parte do pressuposto de que “a expressão máxima da soberania reside em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer, razão pela qual matar ou deixar viver constituem os limites da soberania” (MBEMBE, 2018, p. 5).

Na disputa por verdades no campo social, e em resposta aos pronunciamentos de Bolsonaro, inúmeras manifestações em defesa dos direitos humanos e da vida irrompem no espaço urbano. Faixas e cartazes clamam pelo “Fora Bolsonaro”, materializam os anseios da população pelo fim de uma política genocida legitimada pelo atual Estado brasileiro. Desse modo, atentando-nos para os atos políticos de resistência expressos no grito das ruas, objetivamos no presente estudo observar a produção de sentidos no movimento da memória discursiva a partir do acontecimento discursivo “Fora, Bolsonaro, Fora Genocida”

Para tanto, sustentados teoricamente na Análise de Discurso, dividimos nosso texto, além deste tópico introdutório, em três momentos: inicialmente traçaremos uma breve discussão acerca da memória discursiva, analisando-a como parte constituinte dos sentidos e dos dizeres, dado que compreendemos que as palavras não nascem no sujeito, mas significam ao longo da história, ou seja, todo dizer retoma já-ditos, o qual a formulação ressignifica os sentidos pré-construídos, ditos anteriormente. No segundo momento, analisaremos o funcionamento discursivo da fórmula linguística ‘Fora, X’ para, então, observarmos os efeitos de sentido produzidos na tensão entre a memória e o acontecimento discursivo “Fora, Bolsonaro”. Em seguida, por um efeito de conclusão, apresentaremos as considerações finais sobre o enunciado que nos instigou para esta reflexão e que nos faz unirmos a milhões de vozes que gritaram e gritam ensurdecidamente, ei-lo: “FORA BOLSONARO, GENOCIDA”.

## MEMÓRIA DISCURSIVA: BREVES CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Memória, como sempre nos lembra o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD), não há sentidos, não há discurso sem memória. Contudo, é preciso deixarmos claro que, para a AD, a memória deve ser analisada em sua inscrição na materialidade discursiva, inscrição esta que se dá por determinados processos e que produz determinados efeitos de sentido no seu encontro com o acontecimento e a história. Portanto, para compreendermos a memória ‘discursiva’ tal como é tratada por essa área de investigação dos sentidos, teçamos algumas considerações teóricas – ainda que breves – sobre esse conceito.

Em *Papel da Memória* (2015), Michel Pêcheux – refletindo sobre as exposições de Pierre Achard – coloca a questão da memória

como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2015, p. 45-46).

Mas a questão sobre onde residem os ‘implícitos’ é abordada diferentemente pelos autores. Pierre Achard (2015) postula a existência, sob a repetição, de uma formação de efeito de série pelo qual se iniciaria uma ‘regularização’ na qual os implícitos residiriam sob a forma de retomadas, de remissões e de efeitos de paráfrases. Porém, segundo esse autor, essa regularização discursiva, responsável por formar a série do legível,

é sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória: a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa ‘regularização’ e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e

que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior. (ACHARD apud PÊCHEUX, 2015, p. 46).

Nesse sentido, sob o choque do acontecimento, sempre haveria um jogo de força na memória que visa não só à manutenção de uma regularização pré-existente, mas também, e por oposição, um jogo de força de uma 'desregulação' que perturba a rede dos 'implícitos', jogo de força, de tensões que, ao nosso ver, vai produzindo buracos, brechas, interstícios por onde sempre os sujeitos resistem e ressignificam os sentidos.

Há de se destacar que memória e acontecimento discursivo situam-se em distintos lugares. Expliquemos; A possibilidade de se repetir um enunciado deve-se à sua existência numa estrutura vertical, ou seja, o interdiscurso (estrutura que pode ser a formação discursiva que afeta o sujeito). Em um nível horizontal temos o intradiscurso, que, por sua vez, é o ato de enunciar no presente. Desse modo, enquanto o interdiscurso garante a existência anterior do enunciado, dado que o sujeito tem apenas a ilusão de ser a fonte, a origem do dizer, a estrutura horizontal garante a sua atualização. Colocações essas para indicarmos que a fala de um sujeito do discurso acontece justamente no ponto de encontro entre a estrutura vertical (interdiscurso) e a estrutura horizontal (intradiscurso), e neste ponto, onde memória e atualidade se encontram, se chocam, temos, portanto, o lugar do acontecimento, no qual o enunciado é atualizado, rememorado, (re)significado.

Sendo assim, posicionamo-nos, neste trabalho, de forma a intercambiar os postulados de Pierre Achard (2015) e de Michel Pêcheux, que, em sua obra *Semântica e Discurso* – embrenhando-se em reflexões sobre como os sentidos se produzem no encontro da língua com a história, com a ideologia, a partir das posições discursivo-ideológicas que os sujeitos assumem ao enunciarem – dedicou um momento nesse livro para a análise de funcionamentos discursivos através dos quais se materializa a memória, tendo-se, portanto, o que se é chamado de memória discursiva. Dentre os funcionamentos do discurso que permitem acessar essa memória, Pêcheux (1988) dá atenção especial ao pré-construído decorrente de um procedimento de encaixe sintático no interior do discurso do sujeito (INDURSKY, 2011) e ao discurso transversal, cujo funcionamento “remete àquilo que classicamente é designado por metonímia, enquanto relação da parte com o todo, da

causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa etc.” (PÊCHEUX, 1988, p. 166).

Retomando a noção de pré-construído, seguindo com reflexões de Pêcheux (1988), sobre essa se faz preciso salientar que se trata de uma forma em que pode ocorrer a repetibilidade, a partir da inscrição de elementos do interdiscurso no discurso do sujeito enunciador, em um movimento em que o que provém da região interdiscursiva seja absorvido-esquecido no intradiscurso. Tal procedimento não se faz perceptível ao sujeito, mas “Algo fala sempre antes e em outro lugar e independentemente” (PECHÊUX, 1988, p. 149). Acrescenta o filósofo e linguista: “[...] o ‘pré-construído’ corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e ‘seu sentido’ sob a forma da universalidade (‘o mundo das coisas’) [...]” (PÊCHEUX, 1988, p. 164)

Quanto ao funcionamento do discurso transversal, também este é da ordem da repetibilidade que ocorre por meio da “retomada de saberes já-ditos em outro discurso, em outro lugar e cujo eco ressoa no discurso do sujeito.” (INDURSKY, 2011, p. 69). Ademais, Pêcheux (1988) salienta que o discurso-transversal produz um efeito de ‘sustentação’ ou de ‘articulação’, uma vez que

se pode dizer que a articulação (o efeito de incidência ‘explicativa’ que a ele corresponde) provém da linearização (ou sintagmatização) do discurso-transversal no eixo do que designaremos pela expressão intradiscurso, isto é, o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que direi depois; portanto, o conjunto dos fenômenos de ‘co-referência’ que garantem aquilo que se pode chamar ‘fio do discurso’, enquanto discurso de um sujeito) (PÊCHEUX, 1988, p. 166).

Quando, em análise do discurso francesa, mobilizamos o conceito de memória nos referimos à recorrência de dizeres que emergem a partir de condições de produção específicas, mantendo-se, atualizando-se ou mesmo sendo esquecida conforme o processo discursivo. Logo, a memória discursiva é concebida na esfera social, cujos acontecimentos envoltos por revoltas, práticas de resistências contra um governo infame, facista, um governo, que na figura de Jair Bolsonaro, esforça-se no apagamento de memórias. Enunciados como ‘Fora Bolsonaro, Fora

Genocida’, que irrompem em atos políticos permitem que as práticas de resistência se instalem na reatualização da memória a partir de formulações intradiscursivas cristalizadas permitindo-nos combater os ditos.

Isto posto, vejamos a seguir o funcionamento de dizeres contra o presidente Jair Messias Bolsonaro ocorridos entre maio e junho deste ano de 2021. Para tanto mobilizamos os processos discursivo de pré-construído, discurso transversal imbricando tanto o posicionamento de Pierre Achard e Michel Pêcheux.

### **FUNCIONAMENTO DA MEMÓRIA NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS PARA O ACONTECIMENTO “FORA, BOLSONARO” E “FORA GENOCIDA**

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro. (PECHÊUX, 2002, p. 53)

Atentando-nos para a materialidade discursiva desse enunciado e visando ao enfoque do conceito de memória – tais como engendrados pelos teóricos analistas de discurso que deram sequência aos trabalhos produzidos por Pêcheux, abrindo-lhes novos e produtivos caminhos de reflexão –, para a realização do gesto de análise que ora se apresenta, volvamos primeiramente nossos olhares para o funcionamento discursivo da fórmula linguística ‘Fora, x’, situando-a em condições mais gerais de produção, a exemplo das inúmeras manifestações de protesto contra representantes governamentais do Brasil em épocas de ‘democracia’.

Assim, “Fora, x” produz sentidos de resistência a, de insatisfação com, de protesto contra um governo/seu representante/seu partido por parte de um coletivo de sujeitos afetados ideologicamente por sentidos que se contrapõem aos lugares discursivos em que esses se inscrevem, em um determinado momento sócio-histórico. Essa produção de sentidos - aliada às superfícies de inscrição do linguístico-discursivo – projeções, cartazes, camisetas, corpos, panfletos etc.-, ao lugar de voz – as ruas -, aos movimentos corporais – sujeitos andando, gritando, gesticulando, bradando etc. (salientando que tudo isso significa, pois é discurso)- só é possível porque já significada antes, em outros lugares, repetida, regularizada na memória coletiva, social.

Contudo, esses sentidos, produzidos por um trabalho de repetição, de regularização, de cristalização de saberes, de práticas, no campo da memória, sofre atualizações, reatualizações, desvios no âmbito da



atualidade de um acontecimento, a partir da inscrição dos sujeitos em formações discursivo-ideológicas, das posições que ocupam nessas formações, uma vez que as palavras, as frases, as expressões adquirem sentidos tendo em vista a inscrição desses lugares de ‘fala’ (em uma FD, não em outra; em uma posição dentro dessa FD...).

Vejam, então, o funcionamento da produção de sentidos do enunciado ‘Fora, x’, tendo ‘x’ sido preenchido pelo nome próprio ‘Bolsonaro’, em condições específicas de produção, como, por exemplo, o contexto sócio-ideológico-político-econômico da atualidade brasileira.



**Figura 1:** Ato contra o governo de Jair Messias Bolsonaro.

**Fonte:** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/manifestantes-voltam-as-ruas-por-impeachment-de-bolsonaro-rapidez-na-vacinacao-1-25088932>>.

O nome próprio, no caso – Bolsonaro, no sintagma “Fora Bolsonaro”, inscreve essa materialidade discursiva – mediante a enunciação de um sujeito coletivo – em uma formação discursiva que se opõe ao que representa o governo de Bolsonaro e à sua própria figura. Isto é, os sujeitos discursivos que fazem emergir esse enunciado, e não outro em seu lugar, ocupam uma posição-sujeito de oposição, de contestação ao governo atual (e ao governante); sujeitos desejantes da destituição do presidente. Tudo isso se apresenta como ‘evidente’ na estrutura linguístico-discursiva em análise.

Porém, como analistas de discurso, precisamos mostrar como os sentidos vão além dessa evidência, mediante movimentos que vão da descrição para a interpretação e desta para compreensão. Aqui, faz-se importante mencionar que interpretar é buscar pelos vestígios das redes de discurso que envolvem os sentidos de um enunciado, seja ele verbal e/ou imagético. Nesses movimentos, é imprescindível observar

o funcionamento da memória discursiva na materialidade discursiva, visto que esta abarca diferentes relações da posição-sujeito com a exterioridade:

Os discursos resultam de processos de significação que se fazem pela linguagem e pela história, apresentam, portanto, uma memória que recupera do interdiscurso os dizeres que já foram ditos antes, em outro lugar e independente deste dizer que é atualizado no momento da enunciação (Memória Discursiva In Glossário de Termos do Discurso, p. 207).

No acontecimento (atualidade) empautado em análise, já demonstramos que a estrutura sintagmática “Fora, x” evoca sentidos reproduzidos por uma estratégia de repetição e de linearização de uma memória social constituída em torno dos saberes sobre modos de protestos político-ideológicos. A palavra de ordem materializa-se na língua retomando os fios discursivos de uma formulação já construída anteriormente e em outros lugares, tais como: Fora Collor, Fora Dilma, Fora PT, Fora Temer. Sendo assim, por se tratar de uma ‘fórmula’ linguístico-discursiva que instaurou, conforme Indursky, um regime de repetibilidade, por ter sido insistentemente repetida em alguns momentos de nossa história política, obteve regularização, “passando a fazer parte da memória coletiva dos brasileiros”. (INDURSKY, 2011, p. 75)

Todavia, ao inscrever um nome próprio no lugar vazio, para que o intradiscurso produza sentidos, é necessária a atuação também dos dizeres da atualidade, que, juntamente a dizeres anteriores, formam séries que darão os contornos a uma nova formação discursiva.



**Figura 2:** Em defesa da vida FORA GENOCIDA.

**Fonte:** Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/manifestacoes-contra-bolsonaro-comecam-pelo-pais/>>.

Observando os dizeres da atualidade (acontecimento), além de reivindicações de cunho econômico, ambiental, humanista, ao nome ‘Bolsonaro’ colam-se designações, como genocida, fascista, racista, homofóbico, misógino, entre outras, consoante se observam nas seqüências discursivas que podem ser lidas no material publicado em/por veículos midiáticos e expostas neste trabalho.

Focando algumas dessas designações, podemos perceber que os efeitos de sentidos por elas produzidos – levando-se sempre em consideração a FD em que estão inscritas e a posição-sujeito dos sujeitos discursivos - deslocam sentidos anteriores sobre ser Bolsonaro um bom gestor, um mito, um messias, constituídos a partir de discursos provenientes de outra FD, que tem seus sentidos afetados por já-ditos provenientes de um campo interdiscursivo configurado pelos saberes sobre religiosidade, sobre poderes divinos.

Desse modo, séries parafrásticas que compõem uma FD que remete a sentidos de salvação, de poder divino, de figura lendária pelos memoráveis dos apostos que acompanham o nome próprio - Bolsonaro, o Messias; - Bolsonaro, Mito; - Bolsonaro, Lenda, são substituídas por outras séries parafrásticas – Bolsonaro Genocida, Bolsonaro Fascista, Bolsonaro Homofóbico etc. Essas substituições evidenciam a inscrição dos sujeitos desses discursos em uma FD de revolta, de repulsa, por isso contraditória/antagônica àquela que produz sentidos de endeuamento à figura de Bolsonaro, em um movimento de desidentificação<sup>1</sup> com aquela FD. Essa ruptura nos permite dizer que o enunciado “Fora, Bolsonaro” é um acontecimento discursivo, ponto em que um enunciado, no choque com a memória, rompe com a estrutura vigente, e conseqüentemente, com as possibilidades de dizer, de significar na FD dada anteriormente, instaurando um novo processo discursivo.

Voltemos ao trabalho da memória discursiva na produção de sentidos para esse acontecimento, focando o nome ‘Bolsonaro’ e a designação ‘Genocida’:

1) Sequência discursiva pertencente à FD constituída por discursos de endeuamento, de salvação, de religião:

- Bolsonaro, Messias: Bolsonaro, que é o Messias, que é o enviado por Deus, que é o Salvador da pátria...

1. À esteira de Michel Pêcheux (1988) compreendemos como desidentificação o movimento de ruptura do sujeito da enunciação para a identificação com outra formação discursiva.

Antes de passarmos à sequência em cuja análise nos deteremos, façamos algumas breves considerações sobre o enunciado acima e suas paráfrases, as quais serão proíficas ao nosso trabalho.

Esse enunciado emergiu em um momento sócio-histórico em que muitos brasileiros se encontravam exauridos com as repetidas narrativas sobre corrupção em que estava mergulhado o governo anterior, cujo representante maior fazia parte do PT. Notamos, assim, que o aposto 'Messias' produzia sentidos – a partir do encontro dos sentidos inscritos em uma memória histórica e dos sentidos produzidos no acontecimento da atualidade – que Bolsonaro fora enviado por Deus para salvar os brasileiros, mas não salvar 'a vida' deles todos, e sim, salvar 'os brasileiros' (que parte deles?) da corrupção.

Tomando por base essa sucinta exposição, atentemos para o funcionamento da memória discursiva nas sequências discursivas a seguir:

2) Sequências discursivas pertencentes à FD em que figuram discursos que se desidentificam com os saberes da outra FD, regulada pelos sentidos de endeusamento, de salvação, de religiosidade:

“Fora Bolsonaro”, “Fora Genocida” e “Fora Bolsonaro Genocida”.

O sintagma genocida, ancorado ao nome de Bolsonaro e, conseqüentemente, ao seu governo, não só aciona uma memória coletiva, de saberes e práticas repetidas, regularizadas na atualidade - COVID19, mais de meio milhão de brasileiros mortos, descaso com a vacinação, afronta à Ciência -, mas também aciona a memória histórica do Nazismo, da figura de Hitler, do Holocausto, do massacre de milhões de pessoas (mas não de quaisquer pessoas), haja vista que, desde seu tempo como parlamentar, Jair Bolsonaro foi responsável por uma ampla discursividade que produziu como efeitos de sentidos: defesa da tortura, aversão aos Direitos Humanos, contrariedade ao Estado laico, posicionamento contra as minorias, desprezo e violência simbólica contra as mulheres, racismo, forte homofobia, dentre outros.

Passemos, agora, à análise da forma como é acionada essa memória histórica a partir dos funcionamentos discursivos do interdiscurso como pré-construído e como discurso-transverso, nos enunciados “Fora Bolsonaro”, “Fora Genocida” e “Fora Bolsonaro Genocida”.

Em “Fora Bolsonaro”, o emprego do nome próprio em questão produz efeitos de sentidos saturados, sabidos por todos, visto que a

Bolsonaro estão associados saberes, discursos produzidos, repetidos por parte da coletividade dos sujeitos brasileiros e reproduzidos por veículos midiáticos, tais como: de que Bolsonaro é fascista, homofóbico, déspota, desequilibrado, racista, misógino, genocida etc. Essas designações significam no enunciado “Fora Bolsonaro” como dizeres que já aí se encontram dados, visto que funcionam como discursos pré-construídos que se ‘encaixam’ ao nome próprio.

Para melhor compreendermos esse efeito de sentido de pré-construído, recorramos ao procedimento de parafraseagem:

- Aquele que é racista, fascista, homofóbico etc. / deve ser tirado do lugar da presidência, em que a primeira parte dessa estrutura frasal, na qual se insere uma relativa determinativa, é substituída pelo nome ‘Bolsonaro’ e o encadeamento, por “Fora”; tendo-se, assim, a formulação “Fora, Bolsonaro”.

Logo, percebe-se que o procedimento de encaixe, que mostra o funcionamento do discurso pré-construído - dito, escrito antes, em outro lugar - produz-se por um processo metafórico, em que “uma palavra é tomada pela outra, mas produzindo o mesmo sentido” (INDURSKY, 2011, p. 77).

Já no enunciado “Fora Genocida”, ao substituir-se o nome próprio pela designação ‘genocida’ (e não outra em seu lugar), o trabalho da memória se faz através da metonímia, em que se destaca um sentido dentre todos os outros, uma designação entre todas as outras associadas(os) a Bolsonaro. Expliquemos: ao selecionar só a designação ‘genocida’ (dentre todas as outras), o sujeito discursivo - inscrito na FD cujos discursos produzem sentidos de repulsa, aversão a Bolsonaro - deixa marcado, na formulação, um posicionamento ideológico dentre outros possíveis nessa FD, ancorando sua enunciação nos discursos que compõem os sentidos de genocida para o presidente, e não nos discursos que constroem os sentidos de corrupto, por exemplo. Essa interpretação é possível porque os discursos que sustentam o sentido de ‘genocida’ vêm lateralmente em sua enunciação, a atravessam. São os discursos “transversos” relacionados ao menosprezo de Bolsonaro com relação à gravidade do Coronavírus (só uma “gripezinha”), ao descato aos protocolos estabelecidos pela Medicina e adotados pela maioria dos governadores e prefeitos, ao incentivo de funcionamento do comércio em plena pandemia, ao descaso pelos mortos e seus familiares, à demora na compra de vacinas, ao estímulo de uso de medicamentos cuja eficácia fora descartada pela Ciência etc.

Assim, para que ‘genocida’ faça sentido na enunciação, além de nos voltarmos para as condições de produção dos enunciados que se constroem com esse sintagma, devemos, outrossim, recuperar tanto os discursos cristalizados, regularizados na memória coletiva em forma de pré-construídos sobre Bolsonaro (devido ao fato de terem sido e de serem repetidos incessantemente), quanto os discursos que são produzidos em outros lugares, por outros sujeitos (como aqueles que ocupam a posição-sujeito autorizada e legitimada ao dizer sobre a vacina, sobre o vírus, sobre os protocolos de higiene), dizeres que atravessam o discurso do sujeito coletivo.



**Figura 3:** Mobilização Frente Fora Bolsonaro.

**Fonte:** Disponível em: <[indmetalsjc.org.br/n/5612/atos-pelo-fora-bolsonaro-voltarao-as-ruas-no-dia-24-de-julho](http://indmetalsjc.org.br/n/5612/atos-pelo-fora-bolsonaro-voltarao-as-ruas-no-dia-24-de-julho)>.

Antes de finalizarmos esse gesto de análise, tendo-se como escopo o enunciado “Fora Bolsonaro Genocida”, cremos ser profícuo nos determos na análise do funcionamento discursivo de um enunciado que sustenta o sentido de genocida: “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria preocupar. Nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como disse aquele famoso médico daquela famosa televisão” (grifos nossos) - Declaração proferida por Jair Bolsonaro em rede nacional, em defesa pela volta à normalidade”, no momento em que o Brasil acumulava exorbitantes números de mortes pela COVID-19.

Frente a essa formulação, é preciso nos atermos à adjetivação GRIPEZINHA. Há na posição sujeito presidente um dizer que questiona a gravidade da doença e, colocando-a no espaço da banalidade, de algo comum, produz um efeito de mentira, de fantasia, marcando na língua a falta de empatia com os doentes e familiares daqueles acometidos



pelo vírus. O uso da expressão na sua forma diminutiva discursiviza esse processo, apartando o tema do âmbito de crise sanitária ou mesmo de colapso do sistema de saúde nacional (SUS) para algo que é pífio, irrelevante: ora, é apenas uma “gripezinha”.

Esse efeito de sentido de minimização de uma doença é produzido por discursos pré-construídos que se filiam a uma rede de memória cujos sentidos de banalização, de desatenção, de menosprezo são verificados na materialidade linguístico-discursiva pelo sufixo - inha, na formação discursiva em que se inscreve o sujeito do dizer, na posição ideológica de onde enuncia o sujeito discursivo, que ocupa o lugar social de ‘presidente’. Dessa maneira, com a diminuição da gravidade da doença - ancorado a dizeres populares - esse sujeito filia-se a enunciações que desautorizam as recomendações, a validade da ciência, as recomendações médicas e da Organização Mundial de Saúde (OMS), funcionamento este que nos parece ser da ordem do repetível em sua trajetória política.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste ponto, vislumbrando um desfecho para esses movimentos reflexivos, tomamos finalmente o enunciado que nos instigou a embrenhar pelos caminhos de sentidos produzidos pelos acontecimentos que nos acercam (e nos assolam), os quais só fazem sentido se mergulharmos nas memórias que os margeiam, os atravessam, os constituem, os enredam, entrecruzando discursos e, portanto, sentidos passados, presentes e futuros. Ei-lo: o enunciado “Fora Bolsonaro Genocida”.

Fizemos o caminho inverso de um roteiro de história de suspense: já contamos para os leitores e ouvintes o enredo, já destrinchamos as tramas, já desfizemos as dúvidas... (Imagem! Quanta pretensão! Nunca estivemos com tantas dúvidas!)

“Fora Bolsonaro Genocida”: enunciação saturada, sentidos saturados... de furos. Furos que nos permitem resistir no embate, na tensão entre memórias e acontecimentos na produção de discursos de sentidos desviantes, deslizantes, combativos, de denúncia.

Nossas reivindicações não representam apenas um acontecimento histórico, mas, principalmente, um acontecimento discursivo: o nome Bolsonaro foi colocado em xeque para conquistar um novo significado, transformando-se - mediante deslocamento de sentidos, de atualização das memórias - em uma expressão de resistência, de refutação, que clama pelo fim da política genocida legitimada pelo Estado brasileiro. Afinal, o ‘Messias’ não veio para nos salvar, mas para nos... matar!

## REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015.

BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. **Mal líquido: vivendo num mundo sem alternativas**. São Paulo: Zahar, 2019.

INDURSKY, Freda. **A memória na cena do discurso**. IN: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. **Glossário de termos do discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2020. 298 p.

MBEMBE, Achile. **Necropolítica**. São Paulo, sp: n-1 edições, 2018.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio (1975)**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi... et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

SUBMETIDO EM: 02/10/2021

ACEITO EM: 22/10/2021